

ion Brazil

Um quadro perigoso

Adensam-se a cada dia os vapores da inquietação social, fenômeno derivado do agravamento da situação econômico-financeira e dos efeitos que projeta sobre as relações trabalhistas. Enquanto a círanda dos preços erode a capacidade aquisitiva dos salários, com repercussão perversa nas classes menos aquinhoadas, a onda de protestos e greves sacode o País de ponta a ponta. Está-se dentro de uma crise profundamente carregada de maus presságios, sobretudo porque o esgarçamento do tecido social, tal como ocorre agora, de regra geral o rompimento da estabilidade política.

É constrangedor reconhecer que o clima reinante hoje guarda perigosas semelhanças com o de 1964, cujas consequências são agora um registro cruel na História: a eclodão do movimento militar e o recesso autoritário das instituições democráticas por 21 anos. A diferença, por mais que tal reconhecimento cause horror, ainda resulta favorável aos acontecimentos de 1964, no que diz respeito aos fermentos da conjuntura. Aquela época, a expansão inflacionária situava-se no índice de 96 por cento ao ano, enquanto a inflação atual chega à casa dos seiscentos por cento. Em 64, os funcionários públicos se encontravam entregues ao seu trabalho rotineiro; hoje participam de um movimento grevista de alta abrangência,

cia, ao lado de outras importantes categorias de trabalhadores.

Insatisfação e greves, inflação disparada e sem controle, prenúncios de turbulências graves e falta de perspectivas — eis os ingredientes da crise em curso, cujos efeitos políticos são imprevisíveis, malgrado só aos pescadores de águas turvas interesse levar o País a desabar dentro de um vulcão.

A desintegração dos laços de coesão social e política, sob o impacto das greves e das manifestações de inconformidade, desenvolve-se em velocidade preocupante, precisamente depois que a Nação, agora reintegrada aos princípios democrático-constitucionais, vive a experiência de um novo acordo institucional sancionado na nova Carta.

Há, assim, um convite implícito às forças ativas da sociedade, das lideranças políticas às cúpulas sindicais, dos trabalhadores aos empresários, aos titulares do Poder e aos administradores da coisa pública, enfim a todos os brasileiros para que contribuam na superação das dificuldades atuais. É indispensável eliminar já, agora, qualquer disfunção social que ponha em risco a estabilidade das instituições democráticas, tão arduamente reconstruídas.